

A relação entre a compreensão e os aspectos prosódicos na leitura em voz alta de falantes do PE e do PB

Camila Tavares Leite
Universidade Federal de Alagoas
Arapiraca, Brasil
ctlcamila@gmail.com

Resumo— Este trabalho apresenta uma análise da leitura de sujeitos portugueses e brasileiros de diferentes idades e diferentes níveis de escolaridade. Nosso objetivo é relacionar fluência de leitura em voz alta, observada através de seus aspectos prosódicos, e a compreensão da leitura. Para isso, fizemos um cruzamento dos dados obtidos na análise prosódica com os dados obtidos no teste de compreensão. Pudemos perceber que, ao contrário do que esperávamos, bons resultados na atividade de compreensão variam não somente com o aumento da escolaridade, ou da idade, mas variam também conforme o tipo de texto e a importância que o leitor dá à tarefa de leitura.

Keywords: leitura em voz alta, prosódia, compreensão, fluência

Abstract— This paper presents an analysis of the reading of Portuguese and Brazilian subjects of different ages and different levels of education. Our goal is to relate fluency when reading aloud, observed through its prosodic aspects, and reading comprehension. Therefore a crossing of the data obtained in the prosodic analysis of the data obtained in the comprehension test was made. We noticed that, contrary to what we expected, good results in comprehension activity vary not only with increasing education, or age, but also vary according to the type of text and the importance the reader gives to the reading task.

Keywords: reading aloud, prosody, comprehension, fluency

I. INTRODUÇÃO

A leitura é um processo tão usual para o bom leitor que, dificilmente, ele se pergunta sobre como ocorre este intrincado e complexo processo. Mas qual é o conceito de bom leitor? Gabriel (2006) [1] afirma que o leitor proficiente, ou o bom leitor, por definição é aquele para o qual a decifração do código não é mais um obstáculo e que, por isso, pode voltar toda sua atenção para a produção de sentido. Soares (2004) [2] completa, ainda, que esse nível de proficiência em leitura não é uma característica inata, comum a todos os seres humanos, mas sim uma habilidade construída através de um longo processo de

alfabetização e letramento, que vai modificando a forma de “ver” o código. Outros pesquisadores apontam a fluência como um bom indicador global de competência em leitura. De acordo com essa análise, ler um texto com atenção implica processar palavras individuais e parsear seus grupos frasais (LEVASSEUR, MACARUSO, PALUMBO, SHANKWEILER, 2006) [3]. Mas qual é o conceito de fluência? De acordo com Finn e Ingham (1991) [4], a fluência parece ser um fenômeno de fácil compreensão – já que todos os falantes de uma determinada língua são capazes de dizer se dada leitura é fluente ou não, pois sabem identificar a fluência quando a ouvem –, mas cuja noção é resistente a uma definição direta e não ambígua. Normalmente, a definição de fluência está vinculada à sua negativa. Segundo Hedge (1978) [5], “fluência é melhor definida como uma unidade de resposta destituída de disfluências e pausas”. Esta definição, conforme Finn e Ingham (1991) [4], não deixa claro se ela identifica uma fala que os ouvintes interpretariam como fluente nem se tal definição se refere à fala normalmente fluente.

II. METODOLOGIA¹

A. Sujeitos da pesquisa

Com interesse em avaliar a fluência, o presente trabalho tem como objetivo observar e analisar a leitura em voz alta de sujeitos de diferentes idades/escolaridades do Português Europeu – variedade falada na cidade de Lisboa – e do Português Brasileiro – variedade falada na cidade de Belo Horizonte – e sua relação com a compreensão do material lido. Foram selecionados 30 sujeitos de cada variedade, como especificado na tabela 1, totalizando 60 sujeitos participantes.

¹ Para mais informações sobre a pesquisa, ver http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/1258/1369

TABELA 1. SUJEITOS

IDADE	ESCOLARIDADE	Nº de sujeitos Portugueses
11 (onze) anos	6º ano do Ensino Básico	10
15 (quinze) anos	10º ano do Ensino Secundário	10
20 (vinte) anos	1º ano da graduação	10
TOTAL de Portugueses		30
IDADE	ESCOLARIDADE	Nº de sujeitos Brasileiros
11 (onze) anos	6º ano do Ensino Fundamental	10
15 (quinze) anos	1º ano do Ensino Médio	10
20 (vinte) anos	1º ano da graduação	10
TOTAL de Brasileiros		30

B. Coleta dos dados

Cada sujeito realizou, em voz alta, duas leituras de dois textos: o primeiro texto, “O ratinho Dadá” é um texto infantil, com vocabulário acessível a todos os participantes. Esse texto, em sua versão original, foi adaptado para o Português Europeu – PE –, visto que se encontravam nele alguns termos incomuns nesta variedade. Por se tratar de um texto que, aparentemente, não apresenta dificuldades de processamento, um segundo texto, com maior complexidade, foi também selecionado, o texto “A Amazônia” – versão original do PE, texto utilizado por Costa (1991) [6] em seu trabalho de mestrado sobre leitura, compreensão e processamento sintático e por Condalipes (2010) [7] em seu trabalho de mestrado sobre produção de fala por indivíduos gagos. O texto “A Amazônia”, em sua versão original, foi adaptado para o Português Brasileiro, PB, visto que nele havia termos incomuns nesta variedade. Para observar a compreensão, entre a primeira e a segunda leitura em voz alta de cada texto, o participante respondeu, no computador, a um questionário de compreensão, realizado no programa DMDX. As questões do teste realizado pelos sujeitos foram elaboradas levando-se em consideração os níveis hierárquicos de análise da compreensão, propostos por Salasoo (2007) [8]. No nível de palavra, encontram-se cinco questões: duas sobre palavras que não estão no texto, duas sobre palavras que estão no texto, mas não na idéia central e uma sobre uma palavra que está na idéia central do texto. No nível das inferências, para cada inferência - inferência lógica, aquela informação necessária à interpretação do texto; inferência elaborativa, que tem a função de estender e completar a informação explícita – havia uma afirmativa verdadeira e uma falsa (cf. figura 1). Ao todo, analisamos as respostas dadas a 9 (nove) questões de compreensão.



Figura 1. Esquema do teste de compreensão

C. Sujeito controle

Uma leitura pode ser ou não considerada fluente quando comparada com outra que seja tida como controle. Portanto, para classificar as leituras realizadas pelos sujeitos da pesquisa, comparamo-las a uma leitura considerada fluente, tanto em relação às suas características prosódicas quanto em relação às suas características entoacionais. A leitura de um sujeito de 30 anos de idade, do sexo feminino, aluno de doutorado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a de um sujeito de 30 anos de idade, também do sexo feminino, aluno de doutorado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais foram gravadas e analisadas. Foram ainda segmentadas de acordo com os constituintes prosódicos (NESPOR; VOGEL, 1986) [9] e foram feitas marcações de acentos tonais e de tons de fronteira. Essas leituras foram consideradas como “controle” para análise dos dados dos sujeitos analisados nesta pesquisa.

D. Variáveis analisadas

- Idade,
- escolaridade,
- texto.
- Duração:
 - tempo total de leitura do texto,
 - pausas nos enunciados selecionados para análise,
 - tempo e taxa de elocução dos enunciados selecionados para análise,
 - tempo e taxa de articulação dos enunciados selecionados para análise;
- Frequência Fundamental (F0):
 - tons e acentos tonais de Sintagmas Entoacionais,
- Número de Sintagmas Entoacionais;
- Tempo de resposta de teste e compreensão.

III. RESULTADOS DA ANÁLISE

Quando selecionamos dois textos, tínhamos o objetivo de observar o comportamento dos leitores ao lerem textos de gênero e complexidade diferentes. Analisamos os dados do texto “O ratinho Dadá” de todos os sujeitos, das duas variedades. Comparamos as variedades, os grupos, as duas leituras. Fizemos o mesmo para o texto “A Amazônia”. Verificamos a dificuldade encontrada pelos sujeitos de cada faixa etária, em cada variedade, ao atentarmos para o teste de compreensão. Apresentaremos, a seguir, um resumo de nossos resultados.

A. Tempo de leitura do Texto

Observamos os dados de tempo de leitura do texto dos leitores controle das duas variedades e pudemos confirmar o que, intuitivamente, já sabemos: os falantes do português europeu falam mais rapidamente que os falantes do português brasileiro. De acordo com os dados coletados, na leitura do texto “O ratinho Dadá”, o leitor controle do PE lê 14% mais

rápido que o leitor controle do PB (PE= 127s e PB= 144,68s). Já na leitura do texto “A Amazônia”, o leitor português leu 21% mais rápido que o leitor brasileiro (PE= 71,29s e PB= 93.34s).

B. Taxas de Elocução e de Articulação

Nos dois textos escolhidos, nas duas leituras realizadas, em todos os enunciados observados, foi verificado que a diferença entre o valor do grupo 1 e os demais grupos, em PE, é muito maior que essa mesma diferença em PB (basta verificarmos as figuras 2 e 3).

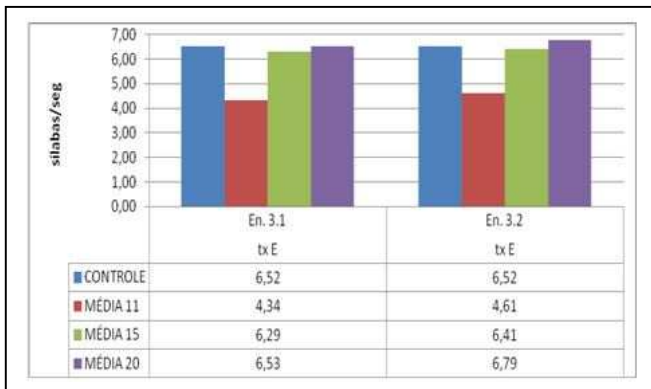


Figura 2. Taxa de elocução do enunciado 3 – “O ratinho Dadá” – médias e controle - PE

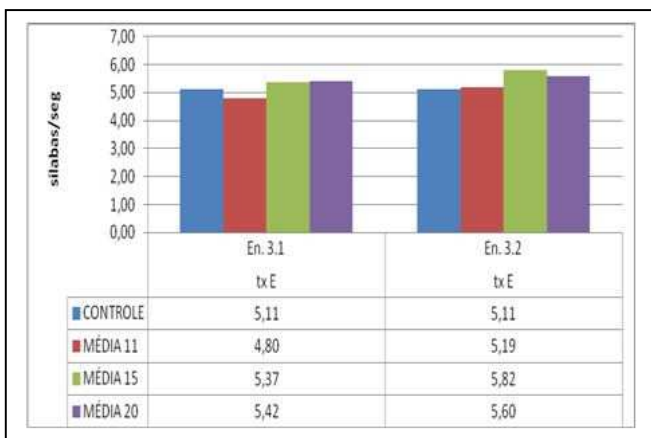


Figura 3. Taxa de elocução do enunciado 3 – “O ratinho Dadá” – médias e controle - PB

Os dados, em português brasileiro, pareceram-nos mais homogêneos quanto ao comportamento e as idades. As análises estatísticas confirmam essa afirmação, visto que não encontrávamos diferenças significativas entre os grupos em PB. Já em PE, quando observamos os grupos, houve, nos dois textos, uma diferença importante que foi notada em todas as análises: os grupos de 15 e 20 anos podem ser considerados um só, pois possuem dados semelhantes, não apresentando, pois, diferença estatística significativa entre si.

Outro dado interessante percebido nos dois textos refere-se à média das taxas de elocução e de articulação dos leitores controle e os demais sujeitos. Todos os dados recolhidos dos sujeitos analisados nessa pesquisa foram também recolhidos dos leitores controle, tanto do PE, quanto do PB. Fizemos isso para que tivéssemos um dado com o qual pudéssemos comparar os outros sujeitos. Escolhemos um sujeito de nível de escolaridade superior, aluno de doutorado, com 30 anos de idade, e consideramos esse sujeito o sujeito controle e fluente. Verificamos diferença na leitura dos textos com relação à variedade linguística. Em PE, observamos taxas mais altas de elocução e de articulação do leitor controle e esses valores se aproximam dos valores dos leitores com maior escolaridade. Em PB, os dados nos mostraram outro tipo de comportamento para o leitor considerado fluente. Parece que a leitura fluente, em PB não está relacionada a um elevado número de sílabas por segundo. Ao contrário, o número de sílabas realizado por segundo pelo leitor controle se aproxima daquele realizado pelos sujeitos de menor escolaridade. Diferentemente do ocorrido em PE, a fluência em PB não parece estar relacionada à rápida realização das sílabas.

C. A pausa e o número de Sintagmas Entoacionais

A análise dos dados do PE e do PB nos permite afirmar que a pausa é a variável que, analisada juntamente com o número de sintagmas entoacionais, vai diferenciar as variedades e, dentro de cada variedade, os grupos.

Em geral, notamos menor tempo de pausa em PE e observamos que a pausa realizada em PB serve como ferramenta de marcação de sintagma entoacional. Verificamos que, em PE, essa marcação se dá através da realização do tom de fronteira alto H%.

Quando analisamos cada variedade, separadamente, vimos que em PE o tempo de pausa separa os leitores fluentes daqueles considerados não fluentes. A diferença entre os valores do grupo 1 e dos grupos 2 e 3 é significativa. Os sujeitos de menor escolaridade apresentaram, nos dois textos analisados, elevado tempo de pausa e número de sintagmas entoacionais. Portanto, a fronteira de sintagmas entoacionais, que em PE é marcada com o tom H%, foi marcada pelos sujeitos de 11 anos com a pausa.

Já na análise do PB, observamos um comportamento diferente para cada texto no que se refere à pausa. O tempo de pausa e a porcentagem de pausa não nos pareceram ser variáveis que diferenciavam os grupos, uma vez que a diferença entre os valores dos grupos não foi significativa. Entretanto, quando analisamos tais dados em conjunto com o número de sintagmas entoacionais, encontramos dados interessantes. No texto considerado simples, o tempo de pausa do grupo 1 é semelhante ao dos grupos 2 e 3, mas o número de sintagmas entoacionais é maior para o grupo 1. Esse dado nos diz que os sujeitos de menor escolaridade realizam maior número de pausas e essas pausas são curtas, enquanto os grupos 2 e 3 e o leitor controle realizam poucas e mais longas pausas. Já no texto considerado complexo, o grupo 1 apresentou número de sintagmas entoacionais semelhante ao

controle e aos demais grupos, mas realizou tempo de pausa maior. Aqui podemos dizer que o número de pausas aponta similaridade; a diferença está no tamanho da pausa realizada.

D. O teste de compreensão

Os resultados, com relação ao nível de processamento, apresentaram diferença quanto ao texto analisado. No texto mais simples, “O ratinho Dadá”, os sujeitos de maior escolaridade apresentaram resultado inferior ao esperado, inclusive com número de erros maior que os sujeitos de menor escolaridade no nível de palavra. Já no texto mais complexo, “A Amazônia”, os resultados apontaram que os sujeitos com menor idade apresentam maior dificuldade, em todos os níveis de processamento: palavra e inferências.

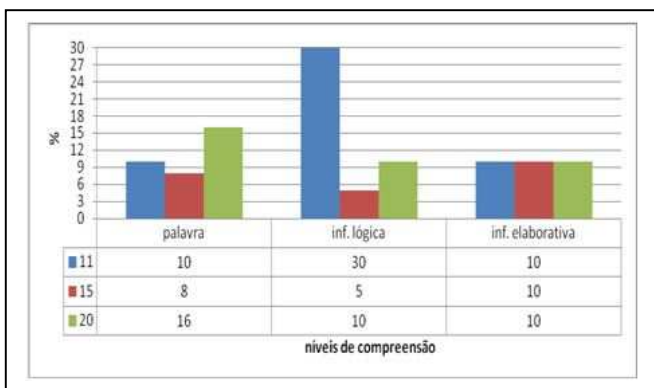


Figura 4. Médias das porcentagens de erro ao teste de compreensão do texto “O ratinho Dadá” - PE

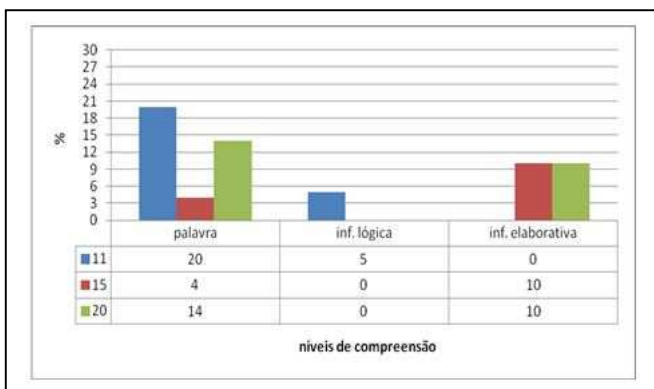


Figura 5. Médias das porcentagens de erro ao teste de compreensão do texto “O ratinho Dadá” - PB

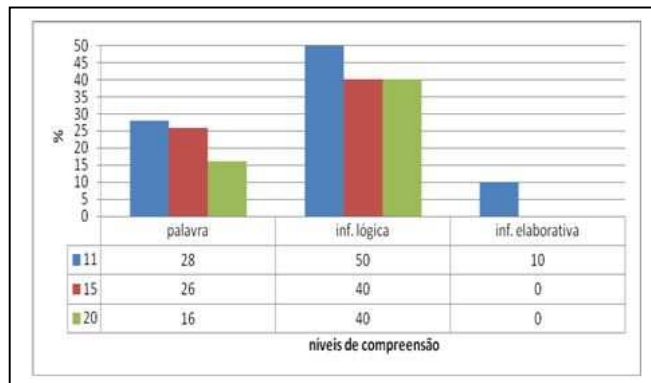


Figura 6. Médias das porcentagens de erro ao teste de compreensão do texto “A Amazônia” - PE

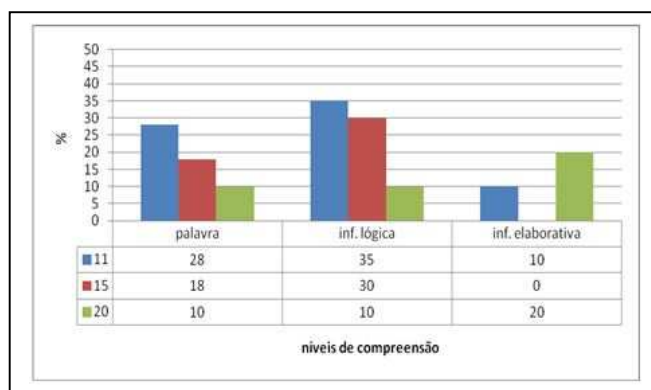


Figura 7. Médias das porcentagens de erro ao teste de compreensão do texto “A Amazônia” - PE

A complexidade textual mostrou de maneira clara as dificuldades entre os sujeitos analisados, apontando os menos escolarizados como menos compreendedores que os mais escolarizados. No entanto, essas diferenças só puderam ser explicitadas através do teste de compreensão, uma vez que os dados prosódicos analisados neste trabalho, em geral, não apresentaram divergências quando comparados os textos.

Nossa pesquisa foi realizada considerando dois tipos diferentes de texto, um considerado simples, por ser de vocabulário infantil, e outro considerado um pouco mais complexo quanto ao léxico e, talvez também, quanto à sua sintaxe. Além do mais, o primeiro é uma narração, o segundo, uma descrição. São, portanto, textos com exigências diferentes.

Escolhemos três faixas etárias, 11, 15 e 20 anos, das duas variedades linguísticas observadas neste trabalho, PE e PB. Ademais, selecionamos dois sujeitos, um português e outro brasileiro, alunos de doutorado da área de linguística, do sexo feminino, com 30 anos de idade, para serem nossos leitores controle, com os quais nossos sujeitos seriam comparados. O leitor controle é aquele considerado fluente, cujos dados de tempo de leitura, de tempo de pausa, de número de sintagmas entoacionais serviriam como base de comparação e base para a

categorização dos sujeitos analisados como fluentes, pouco fluentes, ou, quem sabe, nada fluentes. Os leitores controle, assim como nossos sujeitos, leram os textos duas vezes; no entanto, não realizaram o teste de compreensão, e os dados utilizados na análise referem-se apenas à segunda leitura. Lamentamos muito não ter sido feito o teste de compreensão com os leitores controle. Poderíamos verificar como se dá o processamento desses sujeitos, em que nível apresentariam dificuldade, se é que a apresentariam.

Observamos, quando analisamos os dados do texto “O ratinho Dadá”, que os sujeitos que 20 anos cometeram maior número de erro no nível de palavra. Talvez, a dificuldade no nível de palavra influencie a compreensão de leitores imaturos, por exemplo, nossos sujeitos de 11 anos. Entretanto, após alcançar maturidade como leitor, e parece que isso ocorre aos 15 anos, quando esses sujeitos já apresentam resultados semelhantes aos sujeitos de 20 anos, o sujeito não precisa mais atentar-se a detalhes do texto para construir seu modelo textual, isto é, para conseguir construir um sentido global para aquele texto lido. Isso mostraria a passagem de um processamento bottom-up de leitura para um processamento top-down, à medida que o leitor vai se tornando mais eficiente.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de verificar a relação entre fluência e compreensão, analisamos prosodicamente a leitura de sujeitos de três diferentes faixas etárias e cruzamos esses resultados aos resultados obtidos em um teste de compreensão.

Dos textos, observamos: tempo e taxa de elocução. Selecionamos alguns enunciados de cada texto para análise – sendo três enunciados do texto “O ratinho Dada” e dois do texto “A Amazônia” – e desses observamos: tempo e taxa de elocução, tempo e taxa de articulação, tempo e porcentagem de pausa e número de sintagmas entoacionais. Como resultado, observamos que, quando comparados com o leitor fluente, em PE podemos considerar fluentes apenas os sujeitos de 15 e 20 anos. Todos os dados dos sujeitos de 11 anos, em PE, apresentaram diferença significativa com relação aos dados dos demais sujeitos. Em PB, obtivemos um resultado diferenciado. Os sujeitos de 11, 15 e 20 anos, quando comparados com o leitor controle, não apresentaram diferença no comportamento leitor, exceto no que diz respeito aos dados de pausa. Esse dado parece ser um distintor das variedades e dos sujeitos. A partir dos dados analisados nesta pesquisa, a pausa parece ter sido

utilizada diferentemente em PE e em PB: em PE ela parece apontar a fluência ou a não fluência do sujeito, já em PB, ela limita o sintagma entoacional – marcado, mais frequentemente, nos dados do PE, com o tom de fronteira alto H%.

A observação dos dados de compreensão nos mostrou que a diferenciação do gênero textual pode apresentar resultados diferentes para um mesmo grupo. O texto mais complexo possibilitou-nos perceber que há uma relação inversamente proporcional entre idade/escolaridade e o erro ao responder às questões de compreensão. Quanto maior a idade, menor o número de erro. Chamamos a atenção para algo que veio de encontro ao que esperávamos no início da pesquisa: inicialmente, esperávamos que a compreensão do texto estivesse diretamente relacionada com a fluência de leitura em voz alta, ou seja, uma leitura fluente seria uma consequência de uma boa compreensão. Os resultados desta pesquisa apontam o fato de que essa relação deve ser repensada. Os sujeitos de 20 anos, do PE e do PB, apresentaram leituras fluentes; entretanto, os resultados do teste de compreensão do texto mais simples apresentaram elevados números de erro.

REFERÊNCIAS

- [1] GABRIEL, R. A compreensão em leitura enquanto processo cognitivo. *Revista Signo*. v.31, n.52. p.73-83. 2006.
- [2] SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. N.25. Jan/Fev/Mar/Abr. 2004.
- [3] LEVASSEUR; MACARUSO; PALUMBO; SHANKWEILER. Syntactically cued text facilitates oral reading fluency in developing readers. *Applied Psycholinguistics*, v.27, p.423-445. 2006.
- [4] FINN, P.; INGHAM, R. The selection of “fluent” samples in research on stuttering: conceptual and methodological considerations. In: HEALEY, C. (org.). *Readings on research in stuttering*. Nova Iorque: Longman Publishing Group, p.91-109. 1991.
- [5] HEDGE. Fluency and fluency disorders: their definition, measurement and modification. *Journal of fluency disorders*, v.3, p.51-71. 1978
- [6] COSTA, A. *Leitura: compreensão e processamento sintático*. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa. 1991. p.1-76.
- [7] CONDELIPES, Teresa. *Produção de fala por indivíduos gagos*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.
- [8] SALASOO, A. Cognitive processing in oral and silent reading comprehension. *Reading Research Quarterly*, v.21 n.1. (Winter, 1986) p. 58-69. 2007.
- [9] NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris. 1986